



## GT 9 – Patrimônio, Museu e Informação

ISSN 2177-3688

### DA CULTURAMATERIAL: VALORES DO PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO

#### *MATERIAL CULTURE: VALUES OF RAILWAY PATRIMONY*

**Geísa Martins Soares** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
**Elizabete de Castro Mendonça** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Este artigo apresenta considerações sobre a cultura material, os objetos, a biografia das coisas e a atribuição de valores ao bem patrimonial ferroviário. Traz luz de pesquisa para os valores e representatividades do seguinte patrimônio: Locomotiva Zezé Leone, estacionada na Estação Central, em Santos Dumont, MG. O objetivo geral proposto no artigo buscou responder: os objetos e as coisas, detentores de novos valores, além dos primeiros usos, podem ser considerados patrimônios contadores de histórias e que marcam a memória individual e coletiva? Traz no alicerce teórico: Morin (1969), Greenblatt (1991), Gonçalves (2007), Stallybrass (2008), Baudrillard (2009). Utilizou-se no processo metodológico, a revisão bibliográfica para, em seguida, trazer as análises qualitativas. Na pesquisa de campo (2022 e 2023), foram aplicadas 29 entrevistas que, após transcritas e compiladas, foram trabalhadas no *Software Atlas Ti.*, (2023). Percebe-se a afetividade que a relação Locomotiva/comunidade produziu no passado que, de posse de novos valores, traz ressonância e encantamento no tempo presente. Assim, pode-se afirmar que o bem ferroviário vem adquirindo, após os usos primeiros na ferrovia, novos valores, como: valor de memória, valor afetivo e valor museal, entre outros, identificados juntos aos participantes da pesquisa. Assim, de posse de novos valores, o patrimônio ferroviário produz ressonâncias que refletem tanto na memória individual, quanto na memória coletiva. A relevância do estudo trafega nas questões de se compreender os valores adquiridos pelo patrimônio ferroviário e as ressonâncias que ecoam e podem alcançar novas estações, como a estação da preservação, da musealização e do turismo.

**Palavras-chave:** cultura material; patrimônio ferroviário; valores.

**Abstract:** This article presents considerations about material culture, objects, the biography and the resonances achieved by the attribution of values to the railway patrimony. Brings the spotlight to the values and representations of the Zezé Leone Locomotive, parked at the Central Station in Santos Dumont – Minas Gerais. The general objective proposed in this article seeks to answer: can objects and things, holders of new values beyond the first uses, be a patrimony that tells stories that mark individual and collective memory? It brings in the theoretical foundation: Morin (1969), Greenblatt (1991), Gonçalves (2007), Stallybrass(2008), Baudrillard (2009), between others. The bibliographical review was used in the methodological process to then bring the qualitative analyses. In the field research (2022 / 2023), 29 interviews were worked on the Atlas Ti. softwares, (version 2023). The affectivity that the Locomotive/ community produced in the past which, in possession of new values, brings enchantment and resonance in the present time. Thus, it can be said that the railway asset has been acquiring, after the first uses on the railroad, new values, like: memory value, affective, and museum value, between others, identified together with the participants of the research presented. This way, in possession of new values, the railway heritage produces resonances that reflect both in

individual memory and in collective memory. The relevance of the study deals with the issues of understanding the values acquired by the railway heritage and the resonances that echo and can reach new stations, such as the station of preservation, musealization and tourism.

**Keywords:** material culture; railway patrimony; values.

## **1 INTRODUÇÃO**

Uma das ancoragens da evolução de uma sociedade está na sua cultura material, a dimensão concreta de seu patrimônio cultural e, numa relação indissociável entre nós, seres humanos, as coisas dão suporte material e trazem sentidos para a vivência do homem que, logo, de maneira quase recíproca, atribuem sentido às coisas que o cercam. O sentido da materialidade que contempla as funções dos objetos, seus usos e representatividade na sociedade humana vem sendo investigado por antropólogos, museólogos, turismólogos, entre outros estudiosos das ciências sociais e humanas, dentre outras, tendo reconhecimento como tema de grande relevância, pois se manifestam como arcaibouços no campo dos saberes.

Na analogia dos hábitos e cotidianidade dos seres humanos e na relação com o apoio material que objetos nos condicionam, Baudrillard (2009) traz uma análise abalizando que os objetos nos auxiliam duplamente: primeiramente, os objetos nos dão suportes materiais por meio de sua materialidade e técnica, o que ele denomina de séries instrumentais; ao mesmo tempo, auxiliam nas séries mentais que nos fazem dominar o tempo (BAUDRILLARD, 2009, p. 102). Os múltiplos sentidos conferidos aos objetos, sobremaneira no sentido conotativo, trazem reflexões interessantes acerca dos objetos que, seus primeiros usos e valores que vão sendo atribuídos no decorrer do tempo, considerando inclusive os usos e ressignificações, este estudo propõe reflexões almejando responder à seguinte indagação: os objetos e as coisas, como, por exemplo, os trens de passageiros ou estações ferroviárias, de posse de novos sentidos patrimoniais, podem ser considerados contadores de histórias?

Em Minas Gerais, é comum o uso da palavra trem ser associado a objetos em geral, fazendo com que as coisas, de alguma maneira, possam ser denominadas ou evocadas como trem, dizendo que uma coisa qualquer pode ser denominada como um trem. Por exemplo: “minha bagagem está cheia de trem”, quando uma pessoa se refere ao conjunto de objetos que estão dentro da mala de viagem. Ou, ainda, na expressão: “é muito trem”, usada quando nos referimos ao excesso de coisas em determinado lugar. Outra expressão comum

em Minas: “oh trem!”, quando nos referimos à reivindicação de que algo está equivocado, ou seja, é um modo de dizer quando não se está satisfeito com dada situação.

Tomemos, inicialmente, os objetos<sup>1</sup> com suas descrições objetivas, físicas e denotativas em seu emprego de sentido real, literal, das palavras e expressões, para, em seguida, analisar os sentidos conotativos, almejando discutir o emprego dos sentidos subjetivos que os objetos ganham transmudando-se de simples artefato material para coisa<sup>2</sup> de valor que, ao se apropriarem da formação de significados e sentidos, podem vir a receber o *status* de coisas valoradas como bens patrimoniais.

Assim, partimos do pressuposto de que os objetos e artefatos ferroviários vão adquirindo diversos valores ao longo da vida (útil ou não), como valorafetivo, turístico, museal, passando a representar testemunhos das histórias em que estes objetos ou coisas ferroviárias fazem parte. Neste sentido, o objetivo deste estudo é trazer foco de investigação para as representatividades do patrimônio ferroviário, especificamente na análise de um exemplar raro do áureo tempo da ferrovia no Brasil: a Locomotiva a Vapor Nr.370.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o vasto patrimônio ferroviário distribuído pelo país abrange: os bens móveis– locomotivas, vagões, guindastes, equipamentos de manutenção, sinos, relógios, bancos, telégrafos, mobiliários, acervo documental, manuais técnicos, fotografias –, e; os bens imóveis– edificações, estações, oficinas, refeitórios, alojamentos, postos telegráficos, moradias, entre outros (IPHAN, 2007).

Quanto ao quantitativo e qualitativo dos bens, a Lei Nº11.483, de 2007, a Inventariança da Extinta RFFSA traz os seguintes números: mais de 52 mil bens imóveis, entre terrenos e edificações; 15 mil itens de bens móveis classificados como históricos pelo programa Preserve e vinculados a convênios assinados pela RFFSA e que, em atendimento ao art. 5º do Decreto nº 6.018/2007, estão automaticamente sendo transferidos para o IPHAN para posterior avaliação por parte do instituto; dois milhões de itens de bens móveis que precisam ser avaliados quanto ao seu valor histórico, artístico e cultural; além de um incalculável acervo documental (BRASIL, 2007). Some-se a isso o patrimônio imaterial,

---

<sup>1</sup> Objetos são constituídos por materiais, possuem cor, peso, volume, dureza, durabilidade etc.

<sup>2</sup> A palavra coisa possui diversos significados, como sendo um objeto somado aos sentidos a ele atribuídos, como se um trem de ferro fosse uma coisa, e não um objeto apenas. A palavra coisa compõe também diversas expressões na língua portuguesa, como: Coisa-de-valor, coisa estranha, entre outros – assunto que veremos à frente.

representado pelos costumes, tradições e outras influências trazidas pela ferrovia, e que hoje fazem parte do cotidiano de grande parte da população, direta ou indiretamente afetada pela presença da ferrovia (IPHAN, 2012, p. 12).

O artigo está dividido em três partes, a primeira, teórica, que trata das conceituações de cultura material, de objeto biográfico, valor do patrimônio ferroviário e ressonâncias do patrimônio, e na seção de resultados apresenta-se a Locomotiva Zezé Leone e a análise da pesquisa qualitativa para, ao final, trazer algumas considerações.

O processo metodológico do artigo apresentado contempla a revisão bibliográfica com pesquisas em fontes primárias e secundárias que oportunizaram a construção de reflexões teóricas iniciais para, em seguida, trazer as análises qualitativas realizadas em torno da Locomotiva Zezé Leone, no município de Santos Dumont, MG., na pesquisa realizada entre 2022 e 2023<sup>3</sup>, com aplicação de 29 entrevistas<sup>4</sup>, num roteiro de perguntas (semiestruturado). Após transcritas e compiladas, com o apoio do *software* Atlas Ti., (versão 2023), as entrevistas e imagens foram agrupadas e codificadas para que a análise qualitativa alcançasse as reflexões propostas. O *software* Atlas Ti. (2023) é um programa que permite organizar e analisar os dados da pesquisa qualitativa, auxiliando as pesquisadoras na classificação e no gerenciamento das informações, apoio importante na análise dos dados empíricos, como documentos textuais, imagens, vídeos e até mesmo áudios, que depois de alimentados em um projeto criado dentro do sistema, organizam-se os dados, decompondo-os e codificando-os para, em seguida, elaborar as análises qualitativas diversas.

A localidade do estudo é o município de Santos Dumont, localizado na Zona da Mata Mineira, que possui cerca de 46.357 pessoas, de acordo com o Senso 2021. Antes Distrito de João Gomes, adiante em 1889 município de Palmyra e, em homenagem ao seu ilustre filho Alberto Santos Dumont – o Pai da Aviação, em 1932 é denominado município de Santos Dumont (IBGE, 2023). Nas histórias contadas pelos ferroviários sandumonenses, e por suas famílias, percebe-se o sentimento de afetividade que a relação da ferrovia e comunidade produziu no passado, acontecimentos que ecoam na memória do tempo presente.

---

<sup>3</sup> Este estudo é integrante do projeto Ressonâncias do Patrimônio Ferroviário, alimentado no *Software* Atlas Ti., referente a pesquisa de Doutorado em Museologia e Patrimônio (UNIRIO), em andamento.

<sup>4</sup> Na ocasião da entrevista foi apresentado ao participante de pesquisa o conteúdo do documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa da Plataforma Brasil (em outubro de 2022), ao quais o projeto de pesquisa fora submetido. Foram selecionados para a entrevista pessoas ligadas a gestão do patrimônio, ferroviários aposentados, pesquisadores de história, museologia e turismo, alunos e eis alunos do Curso de Guia de Turismo e servidores do IF Sudeste MG, do Campus Santos Dumont.

Podemos dizer que as ressonâncias produzidas pelo artefato ferroviário refletem tanto na memória individual, quanto na memória coletiva das famílias sandumontenses. Maurice Halbwachs (1990), traz referências relacionadas à memória e sentencia que a memória individual está na base de formulação da identidade e só existe a partir de uma memória coletiva. A memória individual é fruto de uma memória compartilhada. As lembranças são constituídas, divididas e cristalizadas no interior de um grupo e podem ser posteriormente reconstruídas e reproduzidas, graças ao que o autor denomina memória histórica, como sendo a sucessão de acontecimentos marcantes na história, encarados de forma consensual e pelas inúmeras formas de vivência destes grupos. (HALBWACHS, 1990).

A relevância deste estudo trafega nas questões de se conhecer e compreender os valores adquiridos ao longo do tempo, da biografia dos bens do patrimônio ferroviário e as ressonâncias que podem ecoar e ir além, alcançando novas estações.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **O Aporte da Cultura Material, Valores do Patrimônio**

Os elementos da cultura material, tanto elementos tangíveis quanto os intangíveis, dão suporte para os simbolismos criados ao longo do tempo e, portanto, representam a cultura de uma comunidade ou de uma localidade e constituem seu patrimônio cultural. Em 1972, ocorreu em Paris, França, a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O evento alertou para a importância do tema e da salvaguarda do patrimônio mundial. Consideramos o conceito de patrimônio cultural da referida Convenção, que traz:

Para fins da presente Convenção serão considerados como patrimônio cultural: Os monumentos. – Obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 1972).

Na composição da cultura material, encontramos desde monumentos e objetos artísticos e do cotidiano, sendo os elementos classificados como a) Bens móveis: podem ser transportados e reúnem os acervos e coleções; b) Bens imóveis: são estruturas fixas e representam os centros históricos, sítios arqueológicos, edifícios, dentre outros edificados. (UNESCO, 1972).

Para Abraham Moles (1981), estudos da cultura dos objetos possuem três pilares: o universo dos objetos, o universo dos signos e o universo das circunstâncias em que os objetos estão inseridos. É vão tentar entender um objeto sem considerar as circunstâncias em que os significados estão inseridos, ou seja, são necessárias análises criteriosas, e em muitos casos, por meio de múltiplos olhares. Na percepção de Moles (1981), a palavra *objectum* significa coisa existente fora de nós mesmos, sendo tudo aquilo que os sentidos captam, como numa análise objetiva, que se expressa com clareza, sem rodeios, direto.

Teóricos como Morin (1969), Bosi (2005), Meneses (2012) e Dohmann (2013), defendem que, da relação homem / objeto surgem interdependências em paradoxos, pois, ao mesmo tempo em os homens fazem os objetos, os objetos fazem os homens. Para a socióloga francesa Violette Morin (1969), desde muito tempo se tem ciência de que a relação homem e objeto nem sempre é clara e, como destacado anteriormente, esta relação se torna paradoxal. Na medida em que os objetos desejados são aperfeiçoados e causam fascínio e se proliferarem no consumo de massa, as relações entre o sujeito e o objeto acabam correndo o risco de que sua gênese seja invertida (MORIN, 1969, p. 187), ou seja, muitas vezes, não mais o sujeito domina a técnica e cria o objeto, mas é o objeto que, como se substituísse o criador, cria a imagem e as condições de vida do sujeito.

A problemática que envolve o valor é questão engenhosa que demanda tempo e, ao discursar sobre o patrimônio “estamos tratando não de coisas, mas daquela matéria prima – os significados, os valores, a consciência, as aspirações e desejos que fazem de nós seres humanos.” (MENESES, 2012, p. 31). Na teoria de Kopytoff (2008), uma coisa pode ter determinado valor para uma pessoa, ao passo que poder ser outra coisa ou ter outro valor para outra pessoa. Dizendo em poucas palavras, cada coisa tem seu valor, para cada circunstância e sob o olhar de pessoas diferentes, as coisas possuem múltiplos sentidos. Na concepção da conservadora norte-americana Barbara Appelbaum (2008), as pessoas valoram os objetos conforme as suas emoções, seus conhecimentos, ou seja, são qualidades inteiramente pessoais que são atribuídas aos objetos e às coisas. “Os objetos não têm valor.

São as pessoas que os valoram." (APPELBAUM, 2008, p. 86). A pesquisadora apresenta treze categorias de valores não materiais a serem analisados no processo de conservação: valor artístico; valor estético; valor histórico; valor de uso; valor de pesquisa; valor educacional; Valor de antiguidade; Valor de novidade; Valor sentimental; Valor monetário; Valor de associação; valor de comemoração; valor de raridade (APPELBAUM, 2010, p. 86-114).

Estes trilhos de pensamento permitem-nos trazer ênfase e permanecer na defesa de que são as coisas materiais, como se os sentidos que envolvem os artefatos ferroviários se comportassem como ingredientes de uma iguaria típica, que, como numa alquimia, condicionam o *savoir-faire* das receitas culinárias e subsidiam, na materialidade, os elementos concretos do aporte da cultura material, dando significado e sustentando a vida em sociedade, assim, mantendo a “memória individual e coletiva” (HALBWACHS, 1990).

Os valores são constituídos socialmente, assim, trazendo ênfase à questão dos sentidos e valores que as coisas possuem, ou melhor, que as coisas vão adquirindo no espaço e no decorrer do tempo. Destacamos, desta forma, que o processo de atribuição de valor envolve três componentes: os seres humanos, as coisas e o contexto em que estão inseridos. Os valores doados ao patrimônio, sejam eles históricos, afetivos, ou de uso no presente, suscitam outros espaços de alcance que merecem pesquisa e reflexão.

### **Objetos Biográficos são Baús de Memórias?**

As elucidações sobre cultura material e a rememoração suscitada pelos objetos, nos faz mergulhar na abordagem biográfica das coisas, trazida por Kopytoff (2008), como uma metodologia de investigação. Ressalta-se que a trajetória dos objetos, desde seus usos primeiros, conforme já foi sugerido, seja como “objetos biográficos” (MORIN, 1969) ou coisas que contam histórias, cada artefato tem a sua “biografia cultural” (KOPYTOFF, 2008) desenhada em sua trajetória ao longo do tempo. Assim, os objetos vão recebendo significados e atribuições simbólicas ao longo do tempo, tanto antes quanto após sua chegada às coleções privadas ou públicas, e para compor as coleções expostas em museus. Kopytoff (2008) defende que, na elaboração do estudo do objeto, é interessante elaborar e propor perguntas culturais a ele para desvendar a biografia das coisas.

Ao fazer uma biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas: Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a este ‘status’, e à época e à cultura e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas

consideram ideal para este tipo de coisa? Quais são as 'idades' e as fases da 'vida' reconhecidas de uma coisa? E quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha e o que lhe acontece quando sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p. 96).

Dizendo em outras palavras, os usos e valores dados às coisas dizem muito sobre as coisas e, a partir da elaboração e análise biográfica, pode-se lançar mão de artifícios que permitem saber detalhes daquela coisa. Para traçar a biografia dos objetos, é necessário examiná-los– nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que fizera parte.

Baudrillard (2009) ressalta o relógio de pulso como objeto que representa o duplo sentido. O relógio informa o tempo cronométrico exato, ao ponto que nos auxilia a nos apropriarmos do tempo, como se o relógio esgotasse o tempo, ao passo que faz as contas e comunica o tempo que passou – “o objeto-relógio devora o tempo” (BAUDRILLARD, 2009, p. 102), decompondo o tempo como objeto consumido. O tempo se comporta como se fossem trilhos, ou seja, no percurso, o trem vai devorando os quilômetros e alcançando suas paragens, ao ponto que o maquinista vai calculando os túneis percorridos, fazendo a contagem e administrando o tempo que foi e o tempo que resta de viagem.

Os objetos, os monumentos, os utensílios tecnológicos vão adquirindo novas formas com o tempo – ora as coisas se mantêm intactas, ora se refazem ou se dissolvem em função de sua durabilidade. O autor Peter Stallybrass (2008), em seu livro *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*, traz os temas da memória e do tempo dos objetos usados por seus usufrutuários, como se as roupas contasse uma história de vida, incluindo-a, e descreve as passagens em que utiliza o casaco de seu falecido amigo Allon:

Quando Allon morreu, Jen me deu sua jaqueta de beisebol, coisa que parecia bastante apropriada, uma vez que naquela altura eu tinha me mudado permanentemente para os Estados Unidos. (...) Comecei a ler, fui habitado por sua presença, fui tomado por ela. Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de 'memória'. Ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro. Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma (STALLYBRASS, 2008, p. 9-10).

Mas os objetos sozinhos não falam por si, Meneses (2012) destaca: é vão indagar aos objetos a história dos objetos, são necessárias interações humanas para que as coisas produzam sentidos nos emaranhados de acontecimentos e sejam condutores dos processos de rememoração. O autor supracitado recorda que Edward Casey (1987), que fora um dos

autores mais influentes a fixar, com ênfase, a noção de *'body memory'* – corpo da memória, e a questionar a simetria junto à desproporcionalidade entre as representações mentais e materiais e o primado como mediadora da memória. Corpo de memória, a coisa ou o objeto, e o mediador da memória, a mente. Ou seja, objeto e homem precisam se unir para que acontecimentos sejam rememorados. Através das coisas, o homem vive o presente – no cotidiano – e rememora o passado, respaldado pelos objetos do cotidiano do passado.

Assim, os objetos e coisas vão produzindo lembranças e ressonâncias que alcançam não só os que participaram do processo vivido junto ao objeto, mas vai além, alcançando outras gerações, acionando tanto a memória individual, quanto a memória coletiva. Para o pesquisador americano Stephen Greenblatt (1991), a ressonância é o poder de evocação que o objeto exibido possui que o faz alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem os vê, as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque. (GREENBLATT, 1991, p. 250). Ou seja, a passagem da consciência para a experiência e percepção dos valores do bem patrimonial se dá pela ponte da ressonância. José Reginaldo Gonçalves defende que o patrimônio não depende apenas da vontade e decisão política nem depende de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos, ou comunidades e grupos. “Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ressonância junto a seu público” (GONÇALVES, 2007, p. 214).

Considerando que o patrimônio histórico evoca os poderes da ressonância, ecoando sentidos, suscita saudosismo e emoção. Logo, tais desdobramentos deste encontro – lembrança/lembrante, trazem encantamento. Mas o que vem a ser algo encantador? O encanto traduz-se pelo “poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada.” (p.250). Para o autor supracitado, “será mais fácil apreender os conceitos de ressonância e encantamento examinando como nossa cultura apresenta para si mesma, não os vestígios textuais do passado, mas os vestígios visuais e materiais que dele sobrevivem, pois este últimos estão colocados em exibição em galerias e museus (GREENBLATT, 1991, p. 250).

À guisa de tentar completar e finalizar as considerações, trazemos uma passagem do livro *Cidades Invisíveis* do autor Ítalo Calvino (1990):

Marco Polo só podia se exprimir extraindo objetos de suas malas: tambores, peixes salgados(...) nem sempre as relações entre os diversos elementos da narrativa resultavam claras para o imperador; **os objetos**

**podiam significar coisas diferentes: uma ampulheta podia significar o tempo que passa ou que passou, ou então a areia, ou uma oficina em que se fabricavam ampulhetas** (CALVINO, 1990, p. 43-44, grifo nosso).

Nestes trilhos de análise, defendemos que são os valores atribuídos aos objetos ou às coisas, geradoras da cultura material, ao longo de sua trajetória de vida e suas relações sociais, que fazem dele importante ou excepcional, ao ponto de ser considerado patrimônio de uma comunidade. As questões dos valores dos objetos permeiam investigações em amplitudes multidisciplinares que vêm trazendo possibilidades de investigação, cada vez mais pormenorizadas pelos olhares dos estudiosos do patrimônio, em especial os da antropologia e sociologia, da museologia, da memória social e do turismo. Aqui, temos muitas nuances de desdobramentos que requerem longa discussão na tentativa de entender os imbróglios que os objetos, sejam casacos, relógios ou trens, envolvem com o passar do tempo, acompanhando a trajetória de vida de seus usuários.

#### **Novos Valores da Locomotiva Zezé Leone.**

A Locomotiva a Vapor Nr.370 chegou na praça Mauá no Rio de Janeiro, onde fora feita uma linha para conduzi-la até o antigo Palácio Monroe (já demolido). A Locomotiva foi doada pelo Rei Alberto I da Bélgica à Central do Brasil, em 1922, por ocasião do centenário da independência. De série das ALCO Pacific.30, a locomotiva recebeu a numeração 370 no Brasil, restando hoje apenas duas, a 370, localizada em Santos Dumont/MG., e a 353, que está no Museu do Imigrante, em São Paulo. Com quatro rodas guias, seis rodas motrizes e duas rodas portantes (4-6-2), atingia a velocidade de 100km/h, feita para expressos. A Locomotiva Zezé Leone foi escalada para fazer o trem de luxo Cruzeiro do Sul com os primeiros carros de aço carbono da Central (trens de prata).

O exemplar ferroviário, que interrompeu movimento nos trilhos por volta de 1968, pela Rede Federal Ferroviária SA. (RFFSA), iria para corte no maçarico, sendo reduzida a sucata férrea, com o resto da frota a vapor da Oficina 4º Depósito. “A intervenção direta dos próprios ferroviários que assegurou a preservação da Zezé Leone, quando foi desativada, mas houve resistência dos funcionários e ela foi salva.” (CAVALCANTI, [1992?]). Atualmente, a Locomotiva Zezé Leone está estacionada na Estação Central em Santos Dumont, MG., para visitação e apreciação turística. A Locomotiva está ao ar livre sofrendo com as intempéries da natureza, precisa de cobertura e de adaptação de barreira de segurança. Apresenta

estado de conservação regular, com problemas de manchas escuras, deslocamento de pintura e pequenas rachaduras, sujidade aderida devido à falta de manutenção e limpeza periódica. O Projeto de Restauração da Estação Central prevê uma adequação estrutural, a ser instalada ainda em 2023, com cobertura para acomodar a Locomotiva.

**Figura 1** – Locomotiva Zezé Leone



Fonte: Arquivo pessoal.

A Locomotiva Zezé Leone<sup>5</sup> (vide Figura 1 acima), bem não operacional remanescente da ferrovia no Brasil, viveu muitas passagens da história ferroviária de Minas Gerais e conviveu com muitos maquinistas que cuidaram do equipamento. De certo, a locomotiva testemunhou e foi cúmplice de passagens marcadas nos trilhos ferroviários, como os acidentes férreos, as paradas na estação para o embarque e desembarque de políticos importantes, o encontro de namorados ou familiares que há anos não se viam.

Aplicando a metodologia de Kopytoff (2008), pode-se direcionar e aplicar perguntas à Locomotiva Zezé Leone, pois produzir e examinar sua biografia pode dar novos realces ao artefato férreo, que, além de seu uso operacional primeiro como locomotiva a vapor, coleciona muitos valores: a) Que tipo de informação intrínseca a locomotiva traz de conteúdo? Quantas e quais pessoas conviveram com a locomotiva e tiveram-na como testemunha de vida? Quais são os mercados culturais para elas? Estas e outras perguntas

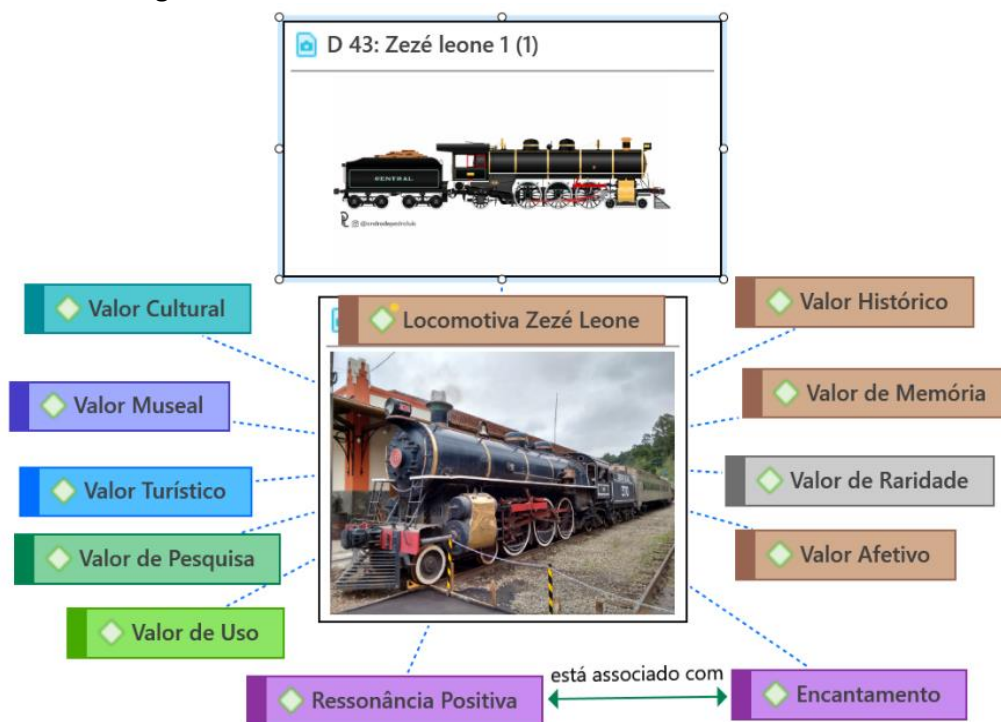
---

<sup>5</sup> Mas porque o bem fora chamado de Locomotiva Zezé Leone? Carlos Pereira da Rocha (1878-1957), maquinista dedicado e apaixonado pela 370, sempre cuidou da Locomotiva com muito carinho, chegou a instalar no tender um banheiro para sua comodidade. Os ferroviários da época diziam que a locomotiva de Carlos era tão bela que se comparava à beleza da então miss Brasil Zezé Leone (CAVALCANTI, [1992?]).

constantes da metodologia citada acima, poderão trazer maior clareza para discussões e tomadas de decisões quanto a proposição de projetos preservacionistas.

Na pesquisa realizada, a Locomotiva Zezé Leone recebera as atribuições dos valores: histórico, cultural, de memória, de raridade, afetivo, de pesquisa, museal, de uso turístico. Sendo que os valores afetivo e de memória foram mencionados por todos os entrevistados, o que sinaliza a importância do patrimônio para a comunidade. (Vide Figura 2, abaixo). Os valores museal e turístico devem ser considerados para ações e projetos integradores, que uma iniciativas públicas e privadas em prol de projetos considerando o patrimônio como elemento central, almejando os usos e a conservação do patrimônio.

**Figura 2** – Rede de Valores Atribuídos a Locomotiva Zezé Leone



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Na rede de relações acima, percebe-se que as ressonâncias são como reflexos que a Locomotiva Zezé Leone emite, e, dotada de múltiplos valores, como o valor afetivo e o valor de memória, provoca outros sentidos – de encantamento, inclusive, na comunidade em que ela está patrimonializada.

É interessante trazer para análise prática as metodologias discutidas em seção anterior, em que se propõe investigar os valores não materiais (APPELBAUM, 2008), a biografia do bem patrimonial (KOPYTOFF, 2008). Trazendo a metodologia de Kopytoff (2008), poder-se-á direcionar perguntas a Locomotiva Zezé Leone, pois produzir e examinar

sua biografia pode dar novos destaques ao artefato férreo, que, além de seu uso operacional primeiro como locomotiva a vapor, coleciona muitos valores. Como, por exemplo: a) Que tipo de informação intrínseca a locomotiva traz de conteúdo? Quantas e quais pessoas conviveram com a locomotiva e tiveram-na como testemunha de vida? Quais são os mercados culturais para elas? As respostas poderão trazer maior clareza e segurança para se discutir e direcionar esforços integrados das iniciativas públicas e privadas em prol da preservação do bem.

A partir da pesquisa, é possível afirmar que os depoimentos dos integrantes dos Grupos Focais analisados foram de grande importância, em primeiro lugar para se conhecer a dimensão da representatividade do patrimônio ferroviário na localidade estudada, em segundo lugar para se conhecer a atribuição de valores e as ressonâncias, positivas e negativas, geradas a partir deles e, em terceiro lugar, para se dimensionar as articulações locais da gestão do patrimônio, que, em nossa análise, precisam atuar mais efetivamente em prol da preservação do patrimônio ferroviário.

Nestes trilhos de análise, percebe-se o quanto ao patrimônio ferroviário, em foco a Locomotiva Zezé Leone, foi recebendo novas atribuições de valores com o passar do tempo no destino Santos Dumont, MG. Os valores ressonantes comportam-se como se, na caldeira de carvão da Locomotiva Zezé Leone, o fogo e a fumaça transbordassem ou refletissem seus sentidos, ao ponto de tocar a memória individual e coletiva da comunidade sandumonense.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nestes trilhos de análise, defendemos que são os valores atribuídos aos objetos ou às coisas formadoras da cultura material, ao longo de sua trajetória de vida e suas relações sociais, que fazem deles importantes ou excepcionais, ao ponto de ser considerado pertencentes à cultura material considerada como patrimônio de um povo ou comunidade.

O artefato ferroviário reconhecido como bem patrimonial, conjectura ressonâncias não só na memória individual dos sandumonenses, mas refletem numa memória coletiva que recorda e deseja que o patrimônio ferroviário seja preservado, patrimonializado e musealizado. No decorrer de sua trajetória, o objeto vai adquirindo simbolismos que fazem dele ícone contador de histórias e legitimador da memória coletiva de uma comunidade. É como se a coisa detentora destes atributos simbólicos fosse apta a receber novo *status* para um novo uso, como bem de coleção de museu.

Ações relacionadas aos novos usos dos bens ferroviários, como planejamento de um museu ferroviário, somadas às ações turísticas, na perspectiva do turismo cultural e pedagógico e da educação museal, são estratégias que devem ser consideradas para a preservação do patrimônio ferroviário do destino.

As cercanias dos atributos simbólicos do patrimônio e as aplicações do campo da museologia e do turismo evocam embates que fertilizam – cada vez mais, as possibilidades de planos e ações de preservação. Entendemos que identificar os valores da Locomotiva ZezéLeoneé passo importante na proposta de ações futuras para sua preservação, todavia, podem não sersuficientes para tomadas de decisões quanto àestratégias, que devem ser direcionados em parcerias multidisciplinares. Ressalta-se que este artigo traz discussões iniciais acerca dos valores adquiridos pelo patrimônio ferroviário – destarte, é apropriado recomendar que outras reflexões devem ser propostas, almejando que ações efetivas sejam realidade na preservação da Locomotiva Zezé Leone e outros bens da ferrovia brasileira.

Os desafios de preservação dos bens ferroviários seguem na incerteza de destinos – terá parada fortuita na estação da memória ou do esquecimento? Enquanto isso, a rara e encantadora Locomotiva Zezé Leone segue silenciosa, estacionada nos trilhos do tempo.

## **REFERÊNCIAS**

APPELBAUM, Barbara. Conservation Treatment and the Custodian/Conservator Relationship. **CeROArt**, [s.l.], 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ceroart/445>. Acesso em: 03 dez. 2019.

[Atlas Ti. \(2023\)](#)

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**-Debates. Título original: Le système des objets. Tradutora: Zulmira Ribeiro Tavares. Perspectiva, São Paulo; 5ª edição, 2009.

[Bosi \(2005\)](#)

BRASIL. **Lei nº 10.233, de 31 de maio de 2007**. Dispõe sobre a revitalização do setor ferroviário, altera dispositivos da Lei nº 10.233, de 05 de junho de 2001, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 31 de maio de 2007.

CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Minardi. Companhia das Letras: São Paulo, SP, 1990.

[Casey \(1987\)](#).

CAVALCANTI, Flávio R. **Estrada de Ferro Central do Brasil** – Locomotiva Zezé Leone. [1992?]. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/locomotivas/vapor-EFCB-Estrada-de-Ferro-Central-do-Brasil/pagina-29-locomotiva-Alco-Pacific-370-Zeze-Leone.shtml>. Acesso em 15 de junho de 2023.

DOHMANN, Marcus. A Experiência material: A Cultura do Objeto. *In*: DOHMANN, Marcus [Org.]. **A Experiência Material: A Cultura do Objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes antropológicos*, v.11, n.23, p.15-36, 2007.

GREENBLATT, Stephen. O Novo historicismo: ressonância e encantamento. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1991. p. 244-261. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323>. Acesso em: 10 jun. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santos Dumont**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santos-dumont>. Acesso em: 1 jul. 2023.

[IPHAN, 2007](#)

[IPHAN, 2012](#)

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In* APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. *In*: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2012. Brasília. **Anais [...]**. Brasília, IPHAN, p. 25-39, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/4%20-%20MENESES.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

MOLES, Abraham. **A teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

MORIN, Violette. **Los Objetos**. Argentina: Tempo Contemporâneo, 1969.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 2ª. Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. Paris, França, 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em 21 out. 2021.